

Violência escolar tem seu próprio calendário

Sandra Sato

Depedrações das instalações, invasão de **gangs**, roubos, estupros e até assassinatos. A tudo isto, os professores, alunos e funcionários da Fundação Educacional do Distrito Federal estiveram expostos neste início de ano. E pior, continuam correndo risco de vida. Isto porque as escolas mal iluminadas (no Centro Educacional 7 da Ceilândia todos os postes de luz próximos aos muros estavam apagados), os muros baixos e policiamento deficiente são chamarizes aos marginais.

— A gente vem para a escola mas nunca sabe se volta”, desabafa Nilda Soares de Matos, aluna do período noturno do Centro Educacional 7. Ela conta que sua mãe vem buscá-la todos os dias e que ela sente muito medo no caminho de volta para casa. “Tenho fobia de moleques porque já fui assaltada quando voltada do Elefante Branco, colégio em que estudava no ano passado. Ela conta também que ficou chocada com o brutal assassinato da estudante Márcia Medeiros na quinta-feira retratada.

Mas fatos como estes são comuns na Ceilândia. E a maioria deles são conseqüências do uso de drogas, que têm muitos adeptos dentro da própria escola, segundo indica um estudo do Grupo de Trabalho Institucional contra a violência, criado pela FEDF.

Calendário parcial da violência

Fevereiro — No Centro Educacional 3, de Taguatinga. Um garoto entrou armado na hora do recreio, agrediu um

aluno e acabou atirando em direção a uma sala de aula, mas o tiro não acertou ninguém. Quase se repetiu o fato da garota morta por uma bala perdida enquanto assistia aula numa escola da Ceilândia no ano passado.

Março — 1 — Centro de Ensino 8 foi depedrado por dezenas de menores infratores e os professores ameaçados de linchamento;

2 — Centro de Ensino 16. Aluna é espancada na sala de aula e professores ameaçados de morte no dia seguinte.

Abril — 1 — Escola Classe 36. Grupo de delinquentes juvenis levaram praticamente tudo que encontraram na sala de materiais; 2 — **Gang** invade a Escola Classe 8; que hoje é conhecida como Centro de Ensino Prof^a Maria do Rosário, que morreu no ano passado ao sair da escola.

Maio — Ladrões levam quatro máquinas do Centro de Educação para o trabalho na Ceilândia Sul; 2 — Quatro indivíduos rondam ostensivamente o prédio o Centro Educacional 3, com intenções consideradas suspeitas. A polícia foi chamada, mas não chegou e os próprios alunos afastaram o grupo; 3 — ex-namorada seqüestra menor na escola; 4 — Normalistas espancam dois homens que viviam tirando a roupa e exibindo seus órgãos sexuais. Os desconhecidos estavam, há um mês, rondando o colégio e se masturbando em frente às meninas.

Qual é a solução para que este triste calendário não tenha mais datas? Será que é transformar as escolas num abrigo blindado, como está o Centro Educacional 16?